

"Mary Stewart is magic." The New York Times

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

MARY STEWART



Terror no Libano

Copyrighted Material

**MARY
STEWART**

**TERROR NO
LÍBANO**

Tradução de
PAULO NASSER

RECORD

NOTA DA AUTORA

Este conto é livremente baseado na história da vida de Lady Hester Stanhope. Tentei resumir ao máximo minhas referências, mas, para os que se interessam, a lista de livros da página 76 servirá como guia e também como registro das minhas fontes principais. Meu reconhecimento pelas informações colhidas nos livros *Viagens pela Arábia Deserta*, de DOUGHTY, e *Síria e Líbano*, de ROBIN FEDDEN.

Resta acrescentar aqui um esclarecimento: em uma história dessa espécie, é inevitável a menção de autoridades, que são referidas aqui pelo cargo, e não pelo nome. Quaisquer referências a órgãos governamentais, ministros de gabinete, autoridades de fronteira, etc. são feitas puramente para finalidades da história e não se referem aos verdadeiros titulares desses cargos, vivos ou mortos. Além disto, embora o vale Adônis exista, o Nahr el-Sal'q, com o povoado e o palácio de Dar Ibrahim, é pura ficção.

Gostaria, também, de agradecer a todos os amigos, de Edimburgo a Damasco, que me prestaram uma ajuda tão generosa.

M. S.

CAPÍTULO I

*Lá dentro não ouvirás sermões inúteis;
Lá haverá uma fonte de água farta;
Lá existirão sofás elevados,
E almofadas em boa ordem,
Taças prontas para o uso,
E tapetes estendidos.*

ALCORÃO, Sura LXXXVII

Encontrei-o na rua chamada Reta.

Eu saíra da loja escura para o sol deslumbrante de Damasco, com os braços cheios de peças de seda. A princípio, não vi coisa alguma, pois o sol batia em cheio nos meus olhos e ele se achava à

sombra, no ponto exato em que a rua Reta se transforma em um túnel sombrio sob o elevado teto de ferro corrugado.

A rua achava-se apinhada de gente. Alguém parou diante de mim para tirar uma fotografia. Uma turba de jovens passou por ali, olhando-me e fazendo comentários em árabe, pontilhados de "senhorita", "olá" e "adeus", em inglês. Um jumentinho cinzento passou por mim, caminhando com dificuldade sob uma carga de legumes que deveria ter umas três vezes a sua largura. Um táxi passou roçando em mim, tão perto que dei um passo atrás, entrando na soleira da porta da loja, e o dono da mesma, atrás de mim, estendeu uma das mãos a fim de proteger as suas preciosas peças de seda. O táxi seguiu adiante, buzinando, desviou-se do jumentinho, separou em dois um compacto grupo de crianças como um navio separa a água do mar e depois seguiu, sem diminuir a velocidade, rumo ao gargalo de garrafa onde a rua se estreitava abruptamente, passando entre duas fileiras de tendas salientes.

Foi então que eu o vi. Ele estava de pé, de cabeça curvada, diante de uma tenda de joalheiro, revirando uma pequena quinquilharia dourada na mão. Ao ouvir a buzina aguda do táxi, ergueu o olhar e saiu rapidamente do caminho. O passo o fez sair da sombra escura e ficar banhado em cheio pelo sol, e, ao ver quem era, meu coração deu um salto no peito. Eu tivera conhecimento de que ele se achava nesta parte do mundo, e acho que encontrá-lo aqui no

meio de Damasco era o mesmo que topiar com ele em qualquer outra parte do mundo, mas fiquei lá de pé, à luz do Sol, olhando de olhos arregalados, e creio que até um tanto sem expressão, para o perfil do homem que eu não via há quatro anos; no entanto, um perfil que reconheci logo. O perfil de um homem que estava tão inevitavelmente presente em Damasco.

O táxi desapareceu no túnel negro do beco estreito com um ruído de engrenagens e outro berro da buzina. Entre nós dois, a rua suja e quente achava-se vazia. Uma das peças de seda me escapuliu das mãos e fiz um movimento ligeiro para agarrá-la, e pude segurá-la, em uma cascata de tecido vermelho cor de sangue, pouco antes de o pano chegar ao chão imundo. Meu movimento e o vermelho vivo devem ter-lhe atraído a atenção, pois ele virou a cabeça e nossos olhares se encontraram. Vi seus olhos arregalarem-se, depois ele deixou cair na banca do joalheiro o objeto dourado, e, ignorando a torrente de mau inglês americano que o homem gritava no seu encalço, atravessou a rua, na minha direção. Os anos rolaram para trás mais depressa do que a seda carmesim, enquanto ele dizia, exatamente com a entonação com que um menino cumprimentara diariamente a menina mais nova que o adorava:

— Oh, olá... É você?

Eu não era mais uma menina. Hoje, tinha vinte e dois anos de idade, e este era meu único primo, Charles, que eu, é claro, não mais adorava. Não

sei por quê, pareceu-me importante deixar isto claro. Tentei imitar seu tom de voz, mas consegui, apenas, imprimir à minha voz uma falsa calma.

— Olá. Que prazer em vê-lo. Como você cresceu!

— Não é mesmo? E agora, faço a barba quase toda semana. — Sorriu para mim e, de repente, não era mais o menino que eu conhecera. — Christy, meu bem, foi tão bom encontrá-la! Diacho... Que é que você está fazendo aqui?

— Você não sabia que eu estava em Damasco?

— Eu sabia que você ia vir, mas não consegui descobrir quando. O que eu perguntei foi o que está fazendo aqui sozinha. Você não está em excursão turística com uma turma?

— Ah, estou — confirmei — mas me separei deles. Mamãe lhe contou a respeito?

— Ela contou a minha mãe, que me passou a informação, mas ninguém parecia saber muito claramente o que você estava fazendo ou quando você chegaria aqui, nem mesmo onde ficaria hospedada. Você já devia ter sabido que eu gostaria de estar na sua companhia. Não costuma dar seu endereço a ninguém?

— Mas eu dei o endereço.

— Você deu à sua mãe o nome de um hotel, mas estava errado. Quando telefonei para lá, eles me disseram que seu grupo de excursionistas fora para Jerusalém, e eu estava informado por mamãe de que você se encontrava em Damasco. Você disfarça bem a sua pista, jovem Christy.

— Sinto muito, disse. — Se eu tivesse sabido que haveria possibilidade de vê-lo antes de Beirute...

Nosso itinerário foi mudado, só isto. A mudança tem relação com a reserva de passagens de avião, e por isto estamos fazendo a excursão de trás para diante, e eles tiveram de arranjar outro hotel em Damasco. Que maçada! Partiremos para Beirute amanhã! Já estamos em Damasco há três dias. Você está aqui há muito tempo?

— Só desde ontem. O homem com quem tenho de falar em Damasco só virá para casa no sábado, mas quando me disseram que você estava para chegar vim direto para cá. Talvez tenha sido bom o fato de eles terem invertido a sua excursão... Afinal de contas, você não precisa muito de ir amanhã, precisa? Vou ter de esperar aqui até o fim da semana; portanto, por que não se separa do grupo de excursionistas? Visitaremos Damasco juntos e depois eu a levarei a Beirute... Você não é obrigada a ficar com eles, não é mesmo? — E olhou-me de cima para baixo, erguendo as sobrancelhas. — De qualquer forma, por que está fazendo uma excursão conjunta? Conhecendo-a como a conheço, acho que isso não seria de se esperar de você.

— Tem razão, mas de repente me deu vontade de conhecer esta parte do mundo, que eu ignorava completamente, e as excursões em conjunto facilitam tanto. . . Fazem tudo para o excursionista: reserva em hotéis, ônibus para transporte de um ponto para outro, e fornecem guias que falam árabe e tudo o mais. Eu não poderia ter vindo sozinha, é claro. . .

— Não vejo por que não poderia. E não olhe para mim com esses olhos grandes de mocinha

indefesa. Se algum dia houve uma pequena capaz de cuidar de si mesma, essa garota é você.

— Oh, claro, Faixa Preta no enésimo grau, assim "sou eu. — Olhei-o com prazer. — Oh, Charles, creia ou não, é maravilhoso revê-lo! Felizmente, sua mãe conseguiu comunicar-se com você e lhe dizer que eu viria aqui! Estou com saudades de você e gostaria muito de passar algum tempo em sua companhia, mas não pode ser. Já planejei ficar em Beirute, depois que o resto do meu grupo de excursionistas voltar para casa, no sábado, e acho que vou executar meu plano. Você fez boa viagem? Foi uma excursão e tanto, com a Robbie, não foi?

— Mais ou menos. Andei vendo o mundo e apurando o meu árabe, antes de vir trabalhar em Beirute. A coisa foi divertida... Atravessamos a França, de carro, e de lá mandamos o automóvel de navio para Tânger, de onde seguimos, atravessando toda a África do Norte. Robbie teve de ir para sua casa, no Cairo, e eu vim sozinho para cá. Foi no Cairo que recebi a carta de mamãe, dizendo que você viria fazer esta viagem. Por isto, vim diretamente para cá, na esperança de ainda encontrá-la em Damasco.

— Você disse que tinha de falar com alguém aqui? Assunto de negócios ?

— Em parte, sim. Mas para que ficarmos parados aqui? Este lugar cheira mal, e a qualquer instante acabaremos sendo atropelados por algum destes jumentos. Vamos tomar chá juntos.

— Gostaria muito, mas onde é que você vai encontrar chá em plena Damasco?

— Na casa em que me acho hospedado, que até parece um palácio das Mil e Uma Noites — E ele sorriu. — Não estou hospedado em hotel, e sim na casa de um tal Ben Sifara, que eu conheci em Oxford. Não sei se você ouviu menção ao nome do pai dele. Faz parte do grupo VIPs de Damasco. É pessoa muito importante e conhece todo mundo. Negocia com tudo que se possa imaginar, tem um irmão que é banqueiro em Beirute, e um cunhado que é, nada mais nada menos, do que Ministro do Interior deste país. Aqui, uma família como a dele é chamada de "gente bem", o que corresponde a "podre de rica" na Síria.

— Você vai indo bem, e neste passo acabará conseguindo fazer que inscrevam o nome da nossa família no rol dos importantes.

— Mas isto já foi feito. — E meu primo falou em um tom de voz de ironia aguda. — Minha família, composta de banqueiros comerciais, fora rica durante três gerações, e era de surpreender a maneira como muitas pessoas estavam dispostas a esquecer o sangue muito misturado — para não dizer bastardo — que corria nas veias dos Mansels. Tive de rir.

— Esse tal homem deve ser um contato comercial do papai e do tio Chas, não é?

— Sim. Ben me fez prometer procurá-lo, se algum dia eu viesse à Síria, e papai insistiu para eu entrar em contato com ele, e por isto aqui estou eu.

— Ótimo. Bem, eu vou com você. Espere só um instante, até eu comprar um corte de seda. — Olhei para o tecido brilhante que tinha nos braços. — Mas há uma dificuldade... Qual dessas fazendas devo levar?

— Se quiser que eu seja franco, não gostei de nenhuma delas.

— Meu primo ergueu uma dobra, apalpou o pano, franziu o cenho, com cara de quem não gostou, e deixou-o cair. — O tecido é bom, mas o vermelho é uma cor viva demais, não é? Correria o risco de ser atacada por algum touro bravo...

— E o azul?

— Não, não serviria para você, meu amor. Não tenho preferência pela cor azul, e gosto que as minhas pequenas se vistam com tecidos que eu aprecio.

Olhei-o friamente.

— Só por isto, comprarei um corte das duas fazendas e mandarei fazer um vestido listrado... e no sentido horizontal. Não compreendo o que você quer dizer. Elas pareciam bonitas lá dentro da loja.

— Tinham de parecer... Eles mantêm a loja às escuras, de propósito.

— Pois bem, quero um tecido para um roupão caseiro. Talvez à meia-luz...? Isto é, o padrão é bonito e tipicamente oriental...?

— Não.

— O que me aborrece em você — falei, com azedume — é que algumas vezes você tem razão. Que é que estava comprando naquele beco sujo? Um anel para Emily?

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

